

---

# EDITORIAL

---

## UMA CONSCIÊNCIA QUE SE REFORÇA

### O VI Encontro Intereclesial de CEBs

*O Santuário de Trindade, Goiás, dedicado ao Divino Padre Eterno, engalanou-se de faixas, cartazes, murais e sobretudo de muita fé e alegria, para acolher os participantes do VI Encontro Intereclesial de CEBs. Num clima de gigantesca celebração, durante quatro dias, entre 21 e 25 de julho, 1.700 pessoas, sendo a grande maioria vinda das bases populares da Sociedade e da Igreja, viveram momentos de partilha, reflexão e oração, em torno do tema central: "CEBs, Povo de Deus em busca da terra prometida".*

*Uma presença significativa de 51 bispos visibilizou mais uma vez como as comunidades de base se desenvolvem num clima de comunhão com seus bispos, longe de suscitar espírito sectário e mais longe ainda de constituir movimento paralelo à igreja hierárquica. E nesse Encontro processou-se ainda mais que nos anteriores o alargamento da consciência eclesial para além dos limites das próprias pequenas comunidades, da própria diocese, da própria região e do próprio país, envolvendo toda a Pátria Grande da América Latina. Esta consciência latino-americana firmou-se a tal ponto que o próximo Encontro se anuncia sob o lema: "América Latina em busca da Libertação". E no campo estritamente eclesial o espírito ecumênico, até então pouco presente nas CEBs, criou suas pontes com diversas denominações evangélicas.*

*Se de um lado essa imensa árvore da Igreja nas bases lança seus braços verdes para além dos céus do Brasil e da Igreja Católica, captando o oxigênio da universalidade e ecumenicidade, de outro suas raízes penetram fundo na realidade social e política. Alimentada pelo oxigênio da fé e pelos saís do solo político, as CEBs constituem essa unidade verde de difícil síntese e de muita esperança. Em Trindade, emergiu muito claramente essa dupla consciência de Transcendência e de Encarnação.*

*O ponto central de referência de toda reflexão, de toda ação, de toda luta, de toda a vida da comunidade é a fé na Palavra de Deus, "água que carrega o barquinho das CEBs", "retrato de um povo que faz a sua história", "ponto de partida e decisão", "centro de tudo" (relatórios do Encontro).*

*A oração, por sua vez, que pervadiu todo o Encontro em diversas formas de celebração, canto, pedidos, aclamações, encenações, consti-*

---

tuiu-se em outra fundamental manifestação do traço espiritual das CEBs.

Bem encarnadas na situação brasileira, as comunidades trouxeram para dentro dos grupos, das conversas de corredor, dos plenários e das assembléias, os temas políticos centrais que agitam a vida do país: Reforma Agrária, Constituinte e Plano Cruzado. Realidades que pertencem ao dia-a-dia das comunidades e as lançam em verdadeiras lutas pela sobrevivência, pela dignidade de vida e por justiça mais efetiva. As CEBs presentes em Trindade revelaram a destemida consciência de sofridas, perseverantes mas esperançosas lutas em nítido avanço de profundidade, natureza e amplitude.

O discurso inicial da Nova República, determinado pela necessidade de contradistinguir-se dos regimes militares anteriores, enveredara por uma semântica libertadora que, porém, não conseguiu iludir as comunidades de base, coladas, pela experiência diária, às reais práticas políticas e econômicas desse mesmo governo. E as denúncias dos limites e contradições de tal discurso povoaram os testemunhos dos trabalhadores do campo e da cidade, uma vez que a discussão sobre a Reforma Agrária, sobre a Constituinte, sobre os Projetos do Governo, revelavam com clareza o alijamento da participação popular no duplo momento da elaboração e da execução, de modo que os reais interesses populares não são contemplados. Tais constatações não terminavam nem se esgotavam na fala de protesto, mas se vestiam de inúmeros exemplos de lutas defensivas, reativas e alternativas.

Este é o dado consciencial que emergiu em Trindade! Como se articula com a presente atuação do conjunto da Igreja e como estão reagindo setores letrados e ilustrados da Sociedade civil brasileira diante dele? E que profundidade teórico-teológica revela esse comportamento tão comprometido com a atual conjuntura política do país? Quando a Igreja, nos tempos obscuros da repressão, saía a público, na voz de seus bispos, isolada ou colegialmente, e de algumas pastorais significativas, na defesa impertérrita dos perseguidos, torturados, presos nos calabouços escusos das polícias, recebia o apoio, o aplauso e a gratidão de inúmeros setores da sociedade. Teceram-se comparações com outras igrejas, em outros tempos e lugares, que se acovardaram diante de outros regimes totalitários, para destacar a coragem profética da Igreja do Brasil. A repressão estava, sim, a serviço das classes burguesas, mas tão "zelosa" que terminava por atropelar não só muitos de seus generosos filhos, engajados numa luta contra ela, como também contradizia o dogma liberal das liberdades individuais e burguesas. Estas classes reconheciam, portanto, na Igreja uma defensora de tal dogma, apoiando-se nesta luta e relevando seu heroísmo, ao afrontar tribunais, calúnias, violentas e sangrentas perseguições.

---

*A mesma fidelidade que fez a Igreja colocar-se ao lado dos perseguidos da repressão, impulsiona-a agora a posicionar-se em favor de uma real e urgente Reforma Agrária, de uma Constituinte com participação popular proporcional a sua relevância social — numérica e de necessidades —, de projetos do Governo que não só não lesem os interesses das camadas populares, mas contem com sua presença na elaboração e execução.*

*Está em jogo numa sociedade capitalista avançada, moderna, consciente de sua autonomia econômica e política, a legitimidade das incursões da Igreja, base e/ou hierarquia, em campos que relevam diretamente da Política e da Economia. Declarações contundentes de altos membros do Governo têm revelado a irritação desses estamentos liberais burgueses em relação à persistência dessa presença eclesial, agora de modo mais claro, ao lado dos pobres, com discursos críticos e utópicos.*

*Numa sociedade pluralista, moderna, a Igreja se compreende legitimamente com dupla missão. No sentido mais estrito e imediato, ela existe para alimentar espiritualmente seus fiéis, contribuir à formação de sua consciência nos setores de sua relação com Deus e no campo da ética pessoal, comunitária e social. Mais. Com sua consciência universal, a Igreja se crê portadora da mensagem salvífica, Palavra e Sacramento, a ser anunciada a todos os homens como proposta à sua liberdade e decisão. Até aí essa missão é pacificamente aceita pelas sociedades burguesas, enquanto que, em outros universos culturais, ideológicos ou religiosos, tem sofrido perseguições e embargos. A partir dessa diferença, o capitalismo tem-se sempre proclamado compatível com a Igreja Católica (cristã), enquanto que ao mesmo tempo denuncia outros regimes — socialistas ou de outras religiões sectárias — como perseguidores da fé cristã. Com isso, tem marcado pontos para muitos católicos nessa luta ideológica.*

*A Igreja tem cumprido essa missão todas as vezes que prega nos recintos e espaços próprios: templos, escolas e universidades católicas, associações e movimentos de Igreja, etc...; não, portanto, na novidade do lugar, mas freqüentemente veiculando um conteúdo de pregação mais colado à realidade social. Por isso, as críticas e oposições, que lhe são feitas, vêm de setores internos da própria Igreja que, desacostumados com um discurso crítico-social no interior de suas celebrações e práticas religiosas, o julgam descabido e fora de lugar. Trata-se nesse caso de uma questão estritamente teológica, sobre a pertinência do social no interior do discurso da fé. Assunto que a Igreja vem tratando de modo explícito e aprofundado desde a consistente Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, passando por reflexões ousadas da *Evangelii Nuntiandi* e de tantos outros documentos de envergadura magisterial e teológica.*

---

O problema complica-se quando a Igreja alça sua voz crítico-profética e utópica, para além dos âmbitos eclesiais, adentrando-se na Sociedade secular e autônoma, de modo que setores burgueses procuram negar-lhe esse "lugar político de fala", como impertinente e deslocado. A Igreja já não pode estribar-se na Palavra-ordem de Cristo, uma vez que essa Sociedade não lhe atribui nenhum atributo divino e universal de poder a ser perpetuado pelo corpo social da Igreja. A Revelação divina para uma consciência social e secular não se impõe como critério de legitimação de uma instituição e de seu discurso.

Esta consciência social e política, porém, situa-se no interior de um processo histórico, em que cada vez mais se percebe o direito de palavra quer dos indivíduos quer dos grupos sociais para exprimirem suas próprias visões de sociedade, de mundo, de história, de homem. E nesse espaço democrático, constitutivo fundamental da sociedade moderna, a Igreja reivindica para si o direito da palavra com tanto mais legitimidade quanto dispõe de títulos de ancianidade e experiência histórica, de credibilidade acumulada por tantas gestas de justiça e humanidade, de possuir entre seus membros amplos segmentos da sociedade. Se ela tem, portanto, o direito de um lugar político de fala, deve, porém, usar um discurso que, mesmo encontrando sua última origem e luz nas fontes reveladas, se formule em categorias justificáveis a partir duma mera consciência ética histórica.

A aproximação compreensivo-interpretativa e transformativa da Sociedade faz-se através das mediações sócio-políticas. Nesse nível o discurso da Igreja não tem nenhuma pertinência própria. Mas ele interfere sobre as mediações políticas através da perspectiva, da intencionalidade ética. E nesse momento, a experiência da Igreja nas bases, tal como aflorou mais uma vez com nitidez no Encontro de Trindade, permite-lhe instaurar o duplo discurso crítico e utópico alimentado, para além da matriz própria da Revelação, por sua proximidade com os pobres, marginalizados, deserdados desse mundo. A Igreja insere-se assim com originalidade na longa tradição, que arranca de Platão, de uma leitura da Política como a determinadora das melhores condições para a prática da justiça. Retoma a dimensão teleológica da Política, não mais baseada numa ontologia da mútua referência da ordem da cidade à ordem divina da natureza, mas a partir de uma inspiração humanitária que lhe dá a proximidade com os pobres. Seu senso de justiça é aguçado para além dos direitos individuais liberais burgueses, que as classes dominantes teimam em aprisionar para si com explícita exclusão das classes populares. Por isso, a experiência eclesial de Trindade mantém acesa a consciência da Igreja nessa atitude crítico-profética frente aos projetos conduzidos hegemonicamente pelos interesses burgueses dominantes.

---

*As classes dominantes trilham outra via da Política. Enquanto a Igreja proclama a inseparabilidade entre a Ética e a Política, podendo portanto falar da Política a partir da Ética, emerge na Sociedade outro discurso, preferido das classes políticas dominantes, em que a intencionalidade central se orienta para garantir eficazmente o exercício do poder, a vontade do poder. E tal vontade torna-se ela mesma sua finalidade, de modo que a técnica do poder se impõe sobre a teleologia da justiça. E a Igreja só é desejada quando se presta a dispor do sagrado como mais uma fonte e forma de legitimação dessa "Machtpolitik", como em outros tempos o fizera. A Igreja não se vê, portanto, criticada, em última análise, porque interfere na Política, mas porque quer restabelecer a relação intrínseca entre Ética e Poder e não deixa a Política à deriva dos interesses dos que navegam pelas águas maquiavélicas de um poder a-ético, cuja legitimação é seu próprio uso despótico. E no fundo serve única ou pelo menos predominantemente aos que pela força de seu dinheiro conseguem criar a casta burocrática e administradora eficaz do poder.*

*A Igreja, por sua vez, rebate, com o martelo pesado de seu discurso ético, o penetrante cravo da justiça nas traves sustentadoras da estrutura social. Tal operosidade incomoda os artesãos conservadores do edifício atual. E mais. A Igreja já não aceita, de modo nenhum, cumprir, com sua simbologia sagrada e com seus ritos de bênçãos, o papel legitimador dessa ordem social, estigmatizada por ela como verdadeira desordem e injustiça. E tal função ética lhe é cada dia reforçada por sua vivência junto às suas bases, que em comunidades eclesiais vivem o avesso dos caprichosos bordados da sociedade dominante.*

*O conflito, em que a Igreja do Brasil, cada vez mais constituída por bases populares conscientes e ativas, se vê envolvida em relação a segmentos liberais e a estratos sediados no poder, não se deixa explicar pela ausência ou presença no campo da Política, mas pela teimosia em não querer mais ser o mestre de cerimônias de uma liturgia do poder elitista e que conserva o público pobre longe do altar das decisões e da execução dos projetos sociais. Antes, ela desce até o meio do povo pobre, ausculta-lhe os anseios libertadores, os gemidos de cativo, os sonhos de liberdade, e tradu-los em discurso crítico e utópico em direto confronto com as classes hegemônicas e seus próximos projetos.*

*A sua diuturna experiência histórica, tendo a Palavra do Mestre como pano de fundo, ensinou-lhe a conhecer a dupla face antagônica do poder. O poder absoluto satânico (Lc 4, 5-8) tal como exercem os governantes das nações em forma de domínio (Mc 10, 42) e o poder-serviço daquele que é capaz de dar sua vida pelos homens (Mc 10, 43-45). E o contacto que a Igreja tem com o poder não é somente no encontro amigável ou conflitivo com as forças políticas seculares: reinados, impé-*

---

*rios, ditaduras, democracias. Como corpo social na história, o poder atravessa-lhe a vida interna e ela pôde fazer ao longo dos séculos a experiência confirmadora do ensinamento de Cristo. Viveu inúmeras vezes nas pessoas de seus hierarcas o poder-serviço até a entrega maravilhosa e gratuita de suas vidas. Ultimamente a América Latina teve o privilégio de conhecer na pessoa de Mons. Oscar Romero e de outros muitos mártires esse grau heróico de poder-serviço até o derramamento de sangue na defesa dos pobres. Nem faltou também à Igreja a dolorosa experiência, transformada depois em confiteor histórico, da face escura do poder despótico. E assim com tanto maior lucidez que essa herança histórica lhe permite, acrescida por esse noviciado prolongado junto às camadas populares do Terceiro Mundo, a Igreja do Brasil vê-se confirmada em sua caminhada profética pelo conjunto de testemunhos recolhidos no Encontro de Trindade.*

*Enquanto fala a toda uma Sociedade, a Igreja ocupa o lugar da palavra a que tem direito no espaço demorático da política moderna; enquanto fala a seus fiéis, cumpre a missão recebida do Senhor; mas em todos os casos seu discurso atinge a realidade social através da via da Ética pelo exercício crítico e utópico. Se vontades mais exigentes e insistentes cressem que tal discurso termina por ser inócuo e ineficiente, já que não se traduz em mediações sócio-políticas, as únicas capazes de transformar a realidade, não devem desconhecer, porém, a força da crítica e da utopia para conscientizar, reunir em torno de si liberdades, provocar as fantasias criativas em ordem a produzir estratégias alternativas capazes de transformações profundas na Sociedade. Se a vida da prática da Igreja não é diretamente política, no nível das mediações, não deixa de ser menos relevante, ainda para as mediações, ao desencadear energias humanas através de seus juízos éticos sobre uma realidade a ser mudada e de seus voos utópicos em vista do novo a ser criado. Assim a Igreja conserva a altura da Transcendência sem perder a mordência sobre o real, não esgotando seu tesouro crítico e utópico em mediações passageiras, como também não se perdendo na vagueza de palavras sem referência à realidade.*